



Oficina 7: INSTRUMENTALIZANDO A RESOLUÇÃO NÃO-VIOLENTA DE CONFLITOS

Objetivos

1. Oportunizar uma nova visão sobre os conflitos na vida humana e sua forma de resolução.
2. Instrumentalizar para a prática da resolução não-violenta de conflitos.
3. Identificar princípios e referências para uma educação em e para os direitos humanos.

Desenvolvimento da oficina

Primeiro momento: integração

1. *Técnica da Bolinha*: o facilitador divide a turma em dois grupos. Os participantes deverão sentar lado a lado nas cadeiras colocadas formando uma fileira com as pernas esticadas e unidas. Somente usando as pernas e sem falar com os colegas, o grupo deverá passar a bolinha até o final da fileira e depois trazê-la de volta. Num segundo momento os participantes poderão realizar a mesma tarefa com a coordenação verbal de algum membro do grupo previamente escolhido.

Segundo momento: sensibilização

2. Memória da oficina anterior e apresentação dos objetivos desta.
3. *Jogo de papéis*. Divide-se o grupo pela metade, formando duas linhas opostas. O grupo da direita será o Dr. Patel e o da esquerda o Dr. Schmidt. O facilitador lembra que cada um é um cientista renomado e terá um encontro com outro cientista, igualmente renomado, mas que poderá se constituir num obstáculo para sua pesquisa. Cada pessoa tem cinco minutos para estudar sua ficha. Depois deste tempo, cada dupla se encontra para a negociação.
4. Partilha dos sentimentos pessoais, descobertas e percepções acerca da temática, suscitadas pela dinâmica.

Terceiro momento: aprofundamento da temática

5. Introdução à temática.

Uma terceira linha de ação da Agenda de Haia diz respeito a nossas posições em relação aos conflitos, sejam estes entre pessoas, grupos ou nações. A construção da paz assume que o conflito é uma parte natural da existência humana e deseja transformar a forma destrutiva com que lidamos com os conflitos, para nos encaminhar para resultados mais construtivos. Associar conflito com resultados construtivos geralmente muda nossa perspectiva rumo a um ponto de vista mais positivo. Nossa ação, neste sentido, pode situar-se em três níveis: a) a prevenção do conflito, desenvolvendo a sensibilidade à presença ou potencial de violência e injustiça (sistemas de alerta prévio) e a capacidade de análise do conflito; b) a resolução, ou seja, o enfrentamento do problema e o recurso a mecanismos institucionais; c) a transformação, em vista de estratégias para mudança, reconciliação e construção de relações positivas. Mas em que sentido a resolução não-violenta constitui-se verdadeiramente uma alternativa?

6. Estudo do texto "Instrumentalizando a resolução não-violenta de conflitos" (Recurso de Apoio 3).
7. Comentários do grupo: destaques, descobertas, questionamentos.
8. Pontualizações do facilitador. É importante salientar os seguintes aspectos:
 - o conceito de conflito como incompatibilidade de metas;
 - a compreensão da resolução não-violenta de conflitos, não como fuga ou submissão, mas como uso da competência comunicativa;
 - as duas formas básicas de resolução não-violenta: consenso direto e indireto;
 - os quatro elementos importantes para o processo: separar pessoas do problema, diferenciar posição de interesses, ampliar o leque das soluções, usar critérios objetivos.

Pode-se apontar para uma leitura posterior do Recurso de Apoio 5 – Agenda de Haia.

Quarto momento: síntese

Por questões de organização de tempo, os trabalhos em pequenos grupos do quarto momento (síntese) e do quinto momento (reconstrução da prática), podem ser feitos juntos, bem como o plenário subsequente.



9. Trabalho em pequenos grupos, com papelógrafo:
 - Por que resolução não-violenta de conflitos?
 - O que é mesmo resolução não-violenta de conflitos?
 - Para que resolução não-violenta de conflitos?

10. Plenário.

11. Pontualizações do facilitador.

Quinto momento: reconstrução da prática

Por questões de organização de tempo, os trabalhos em pequenos grupos do quarto momento (síntese) e do quinto momento (reconstrução da prática), podem ser feitos juntos, bem como o plenário subsequente.

12. Momento de encontro em pequenos grupos para, a partir do referencial estudado, planejar uma ação pedagógica que contribua para a apropriação do instrumental da resolução não-violenta de conflitos.

13. Plenário.

14. Pontualizações do facilitador.

Pode-se ler – se houver tempo – ou apontar para uma leitura posterior do Recurso de Apoio 4 – Dinâmicas de educação para a resolução não-violenta de conflitos. Também o Recurso de Apoio 6: Diretrizes Vitória-Vitória.

Sexto momento: avaliação

15. Por escrito: cada um escreve no seu diário, as idéias e sugestões trazidas por esta oficina e as perguntas a serem ainda perseguidas.

16. Socialização.

Sétimo momento: confraternização

17. Música “O que é, o que é?”, de Gonzaguinha.

Material necessário

1. Uma bolinha ou bola de borracha.
2. Cópias para cada participante dos Recursos de Apoio.
3. Papelógrafo.
4. Canetas hidrográficas.
5. Aparelho de som e música de fundo.

Bibliografia

ADPP-MOÇAMBIQUE. Conflitos e como resolvê-los de forma construtiva. In: *Educação para paz e democracia – manual para professores primários*. Maputo: ADPP/UNICEF, 1998, p. 29-49.

BRANDÃO, Carlos Eduardo Alcântara. *Resolução de conflitos: manual de formação de mediadores e agentes da paz*. Rio de Janeiro: Viva Rio, 2005.

DÍAZ, Calo Iglesias. *Educar para la paz desde el conflicto: alternativas teórica y prácticas para la convivencia escolar*. Rosario: Homo Sapiens, 1999.

GALTUNG, Johan. *Transcender e transformar: uma introdução ao trabalho de conflitos*. São Paulo: Palas Athena, 2006.

MALDONADO, Maria Tereza. *Os construtores da paz: caminhos da prevenção da violência*. São Paulo, Moderna, 1997.

VINYAMATA, Eduard. *Aprender a partir do conflito: conflictologia e educação*. Porto Alegre: Artmed, 2005.



Recurso de Apoio 1: *Jogo de papéis: Dr. Smith* Oficina 7

Jogo de papéis A. Smith

Você é o Dr. A. Smith, um químico empregado de uma grande corporação multinacional. Você é um cientista da divisão quem tem a responsabilidade de desenvolver tecnologias para manejar os riscos e efeitos ambientais e sanitários do derramamento de petróleo em comunidades costeiras.

Recentemente, houve um grande derramamento em uma comunidade de 50.000 pessoas, em uma região conhecida por sua produtividade agropecuária. De fato, esta região é a *despensa* do país. O petróleo derramado contaminou a água e a terra, ameaçando a próxima temporada de plantio e destruindo as reservas de água da comunidade. O presidente do país está contemplando a declaração de um estado de emergência e a evacuação da região e já pediu reservas de alimentos para seu país às ONGs e às organizações internacionais de emergência.

Sua divisão desenvolveu um produto que é capaz de neutralizar os efeitos danosos do petróleo derramado. O produto foi provado previamente em uma comunidade aonde o petróleo derramado contaminou a terra. Um dos ingredientes fundamentais que se utiliza no produto é a casca da banana azul, que é muito rara. Infelizmente, a colheita deste ano de banana azul foi muito reduzida devida a uma praga, de forma que apenas foram colhidas 3.000 frutas. O produto requer a casca da banana azul: as provas que foram realizadas com as cascas de outras bananas não deram os mesmos resultados.

Recentemente, você descobriu que R. Rodriguez, um exportador latino-americano de frutas, tem 2.000 destas bananas, em boa condição, para a venda. As cascas dessas 2.000 bananas parecem ser suficientes para produzir uma quantidade suficiente de produto, o suficiente para salvar a próxima colheita e descontaminar as reservas de água.

Você também descobriu que o Dr. P. Patel também está buscando urgentemente comprar estas bananas de R. Rodriguez. O Dr. P. Patel trabalha para uma companhia farmacêutica rival e se negou em trabalhar em sua divisão em assuntos de grande interesse científico. De fato, suas negativas em cooperar com sua divisão retardaram as investigações deste produto.

O presidente solicitou a colaboração de sua companhia. Sua companhia o autorizou a contatar o Sr. Rodriguez para conseguir as 2.000 bananas azuis. Você foi informado que Rodriguez as venderá à melhor proposta. Você pode pagar o máximo de US\$ 250.000 para obter as cascas das 2.000 bananas disponíveis.

Antes de contatar o Sr. Rodriguez, você decidiu falar com o Dr. Patel, de maneira tal que você não tenha obstáculos para comprar as bananas.



Recurso de Apoio 2: Jogo de papéis: Dr. Patel
Oficina 7

Jogo de papéis
P. Patel

Você é o Dr. P. Patel, um cientista pesquisador que trabalha para uma firma farmacêutica. Depois de muitos anos de pesquisa, você desenvolveu uma promissora vacina para a AIDS. Ainda que se encontre em fase de prova, os ensaios em um número reduzido de voluntários produziram resultados muito esperançosos. A AIDS afeta a milhões a cada ano e sua vacina, ainda que relativamente secreta, está ganhando publicidade. Vários governos de países devastados pelos efeitos da AIDS contataram a companhia para qual trabalha, para fazer provas em seus países. Por azar, a vacina se faz da polpa da banana azul, que é extremamente escassa. Somente foi colhida uma quantidade mínima (aproximadamente 3.000) dessas bananas a temporada passada, devido à infestação de insetos, que destruíram grande parte do cultivo. Não se disporá de mais bananas até a colheita da próxima temporada e de novo os peritos estão predizendo uma colheita muito pobre.

Suspender os experimentos de sua vacina significaria que você não poderia seguir com o processo de provas, que atrasaria em vários anos a aprovação de uma distribuição massiva. Os experimentos preliminares demonstraram que sua vacina não tem efeitos colaterais para quem está vacinado. Sua companhia tem os direitos sobre a patente da vacina, que se espera ser de grande procura quando estiver disponível ao público. Apesar disso, sua companhia começou a desenvolver uma política da vacina para quem mais necessita, mas que não podem pagar os seus gastos.

Recentemente, você descobriu que R. Rodriguez, um exportador latino-americano de frutas, tem 2.000 destas bananas, em boa condição, para a venda. A polpa dessas 2.000 bananas bastariam para produzir uma quantidade substancial da vacina, de firma que ela esteja disponível para provas futuras e fazer possível que a aprovem para uma distribuição massiva dentro de um ano, se todos os experimentos futuros correrem bem.

Você também descobriu que o Dr. A. Smith também está buscando urgentemente comprar estas bananas de R. Rodriguez. O Dr. A. Smith trabalha para uma companhia farmacêutica rival e se negou em trabalhar em sua divisão em assuntos de grande interesse científico. De fato, suas negativas em cooperar com sua divisão retardaram as investigações desta vacina.

Sua companhia o autorizou a contatar o Sr. Rodriguez para conseguir as 2.000 bananas azuis. Você foi informado que Rodriguez as venderá à melhor proposta. Você pode pagar o máximo de US\$ 250.000 para obter as polpas das 2.000 bananas disponíveis.

Antes de contatar o Sr. Rodriguez, você decidiu falar com o Dr. Smith, de maneira tal que você não tenha obstáculos para comprar as bananas.



Recurso de Apoio 3: Texto *Instrumentalizando a resolução não-violenta de conflitos* Oficina 7

Instrumentalizando a resolução não-violenta de conflitos

Embora a vida humana seja eminentemente conflitiva, há, no Ocidente, uma tendência muito forte a escamotear o conflito ou passar por cima dele. No entanto, esta premissa básica de nossa cultura do conflito como algo ruim, é algo que se necessita dispensar para se avançar em processos de paz. O conflito deixa de ser encarado como o oposto da paz para ser visto como um dos modos de existência em e da sociedade. Conflitos não são sinônimos de intolerância ou desentendimento, sendo a resposta dada que os torna negativos ou positivos, construtivos ou destrutivos. A questão é como se resolvem os conflitos, se por meios violentos ou não-violentos.

Podemos definir conflito como a incompatibilidade entre duas metas ou mais metas sustentadas por agentes de um sistema social, podendo ser organizados em três níveis: pessoais, grupo e nações. Entendendo a paz como um conceito dinâmico que nos leva a provocar, enfrentar e resolver conflitos de uma forma não-violenta, em alguns casos significará também provocá-los!

O pesquisador norueguês Johan Galtung constata uma reivindicação geral pela democratização da resolução de conflitos: "conflito afeta a todos, por essa razão a resolução de conflitos diz respeito a todos". Entende esta democratização como uma difusão - tão rápida quanto possível - de conhecimento sobre a temática, transformando as pessoas de peças de um conflito em sujeitos no conflito.

A resolução não-violenta de conflitos não significa escamoteamento, fuga, resignação, submissão, nem renúncia à expressão direta e clara dos verdadeiros sentimentos, opiniões ou emoções. Mas a resolução não-violenta de conflitos não se caracteriza apenas por não se utilizar a violência: também se distingue de processos como a gestão de conflitos, como, por exemplo, a arbitragem. A gestão supõe, muitas vezes, o estabelecimento de controles sociais através de juízos hierarquizados de cima para abaixo, ou o emprego de poder para impor uma solução ou manter o *status quo*, enquanto a resolução do conflito encarna uma compreensão e uma aplicação correta de processos democráticos que estimulam a responsabilidade social e a resposta criativa à mudança. Assim, a característica fundamental deste processo é a participação das partes envolvidas, como sujeitos competentes, mediante o uso da ação comunicativa, embora possa ser feita de forma direta ou indireta. Todo processo de resolução não-violenta de conflitos supõe, ao menos, os seguintes elementos:

- a) a possibilidade de cada parte expor tanto seus sentimentos;
- b) uma avaliação racional do processo;
- c) o empenho na busca de soluções para o conflito.

Pelo consenso direto, as pessoas ou grupos tentam chegar a uma solução mutuamente aceitável do conflito mediante uma reflexão e uma tomada de decisões comuns. Para isto, é preciso que ambas as partes desejem realmente encontrar uma solução e não derrotar ou subjugar a outra parte. Trata-se, não de impor um ponto de vista, mas de chegar a um terceiro termo. São diversos os exemplos desta modalidade em educação para a paz. A educadora americana Naomi Drew, desenvolveu a técnica chamada por ela de diretrizes Vitória/Vitória, através da qual os alunos aprendem a buscar soluções de seus conflitos de forma que não haja ganhador e perdedor, mas que resulte em benefício para ambos os envolvidos. A base deste procedimento reside naquilo que a autora chama de mensagens eu, isto é, formas de expressar o sentimento que ocorre a alguém em determinada situação, abrindo para o diálogo, em contraposição às mensagens você, nas quais há uma qualificação e uma determinação do oponente. Exemplo de mensagens eu dados pela autora: eu estou zangado; estou chateado porque você pegou meu material; fiquei ofendido porque você me xingou. Exemplos de mensagem você: você é um chato; você é um miserável; você me irrita.

Um outro método de resolução não-violenta de conflitos é o consenso indireto ou mediação, definido como uma negociação na presença de uma terceira pessoa, aceita por ambas as partes envolvidas no conflito. No consenso indireto, o mediador exerce um papel apenas de facilitador, ajudando as partes a obter uma solução e a estabelecer uma ação comunicativa, diferenciando-se da arbitragem ou da imposição coercitiva de uma solução. O acordo é negociado entre os envolvidos numa solução que ambos postulem



como aceitável, de forma que o peso da responsabilidade recai sobre as partes, entendidas como sujeitos do processo. Assim, são eles quem controlam o conteúdo da negociação e precisam a natureza do acordo. Ao mediador cabe conduzir o processo, adotando uma posição neutra e estabelecendo as principais regras das negociações, abrindo canais de comunicação, moderando o processo. A ação do mediador tem em vista capacitar os disputantes a controlar seus futuros, ajudando-os a assumir responsabilidade de suas próprias ações e tomar decisões de forma que possam suportá-las.

O processo de mediação começa por aquilo que se chama de pré-mediação, isto é, o estabelecimento das condições adequadas para poder iniciar o processo de mediação (local, momentos, metodologia de trabalho), aconselhando a não abrir num clima emocional muito intenso ou numa situação de desequilíbrio de poder. O segundo momento, o começo das negociações é um momento particularmente importante, onde além de uma apresentação pessoal, será necessário estabelecer algumas normas básicas. O terceiro passo caracteriza-se por um processo de escuta ativa, onde se respeitem os turnos de intervenção e não se empreguem termos ofensivos e provocadores. Ao mediador, caberá criar um ambiente em que as pessoas possam expressar-se livre e confiadamente, bem como introduzir algumas perguntas que permitam desenvolver um debate racional: quem fez o que, a quem, por que, quando, onde, etc. O quarto passo deste processo é o delineamento do acordo, conduzindo para o quinto e último ponto, o acordo final, redigido de forma realista, específica, clara e compreensível. Embora no processo mediatório as partes sejam realmente sujeito do processo, a figura do mediador alcança importância, dado seu papel de facilitador da ação comunicativa.

Seja no consenso direto ou indireto, negociação ou mediação, é importante:

- a) separar a pessoa do problema. Desligando a relação do problema, reduz-se a possibilidade de falhas de comunicação e de sentimentos que afetam negativamente a negociação.
- b) centrar-se nos interesses, não nas posições. Os interesses são o reflexo das necessidades, desejos, preocupações, valores ou temores fundamentais. Os interesses motivam as pessoas, mas, muitas vezes, a vontade dos indivíduos estabelece uma posição. No conflito, freqüentemente, os indivíduos e grupos se mantêm numa só posição, o que gera dificuldade na busca de soluções. Atrás das posições estão interesses múltiplos; centrar-se neles permite ter mais espaço para gerar soluções aceitáveis para todas as partes.
- c) criar opções para o proveito mútuo. Na análise das diferentes possibilidades, necessita-se separar a etapa da avaliação das opções da etapa de criação das opções. Ambas as partes necessitam ampliar o número de opções possíveis e não buscar somente uma possibilidade. Também necessitam pensar em opções que satisfaçam os interesses da outra parte.
- d) insistir no uso de critérios ou objetivos mutuamente aceitáveis, por meio dos quais as partes possam avaliar a imparcialidade ou a aceitabilidade de um acordo negociado.



Recurso de Apoio 4: Dinâmicas de educação para resolução não-violenta de conflitos **Oficina 7**

Dinâmicas de educação para resolução não-violenta de conflitos

Corredor imaginário.

Todos em círculo, traçam-se caminhos imaginários entre pessoas que estão diametralmente opostas. A largura destes caminhos é do tamanho dos ombros. Ao sinal do facilitador, os participantes têm de mudar de lugar, sem sair do corredor imaginário. O facilitador pede repetir o jogo mais rápido, mas coloca-se parado no centro do círculo (ponto onde passam todos os corredores). É uma pessoa surda-muda que não entende palavras e não quer sair do lugar. Mas se lhe pedem licença com sinais de mão, deixa passar. A avaliação é muito importante: como foi vista a figura do meio? Era um obstáculo? Como foi enfrentado?

Abrigo anti-bomba

Estamos no ano de 2030 e uma guerra nuclear foi deflagrada. Quinze pessoas conseguiram se esconder num abrigo subterrâneo: mas só têm comida e oxigênio para manter dez pessoas vivas. Os sobreviventes são: um jovem médico, portador do vírus da AIDS; uma jovem de 16 anos que abandonou os estudos, possivelmente grávida; um padre; um poeta de 36 anos, solteiro convicto; uma engenheira elétrica, recém-formada; uma prostituta, mãe de duas crianças; um militar que não tira a mão da arma; uma bióloga de 55 anos, especialista em botânica; o marido da cientista, usuário de cocaína; um atleta profissional, homossexual; um menino de 10 anos; um programador de computadores; um traficante, excelente conhecedor de estratégias de sobrevivência e construção civil; um cientista, vencedor do Nobel, idoso e com suspeita de câncer; um cozinheiro, que não tem uma das pernas. O grupo deve decidir quais cinco pessoas deverão sair do abrigo, observando as seguintes regras: a) antes de expressar uma opinião, deve-se resumir o que foi dito pela pessoa anterior; b) o acordo deve ser obtido por consenso, sem recurso à votação; c) cada escolha deve ser justificada.

Exercício de resolução de problemas

Sobre um mesmo conflito – local ou mais amplo –, escolhido anteriormente, pequenos grupos procuram soluções e alternativas. Depois de apresentá-los aos outros, abrir uma discussão geral e escolher pontos de consenso. Projetar uma estratégia progressiva para atingir os objetivos escolhidos.

Jogo de papéis

Escolhido um conflito, identificam-se as partes envolvidas. Distribuem-se entre os participantes estes diversos papéis: alguns vão viver o conflito e outros vão observá-lo. A proposta é solucionar o conflito através de métodos não-violentos. Estipula-se um tempo limite. Depois, faz-se um debate. Pode-se, então, fazer novo ensaio, trocando, talvez, os papéis e as pessoas.

Exercício de escuta

Sobre um problema – por exemplo, a violência doméstica contra mulheres –, identificam-se várias posições. Por exemplo, sustentar que os atos de violência doméstica sejam tratados como um crime ou que tal ato é um caso particular e não deve ser levado para a polícia ou que as comunidades intervenham mais nestes casos. Escolhem-se pessoas para defender as diversas posições. Cada um só pode apresentar seu argumento após ter recapitulado o argumento anterior. Somente pode ser apresentado um argumento de cada vez. Procede-se até acabar os argumentos. Avalia-se como as pessoas apresentaram a posição dos outros.



Recurso de Apoio 5: *Agenda de Haia* Oficina 7

Prevenção, solução e transformação dos conflitos violentos

28. Fortalecer a Capacidade Local

Com frequência, os conflitos violentos são "resolvidos" por agentes externos com pouca ou nenhuma referência dos desejos daqueles deverão de viver com a solução. Como um resultado, a solução alcançada tem em regra vida curta. Se os esforços por prevenir, resolver e transformar os conflitos violentos são para ser efetivos em longo prazo, devem contar com a participação maciça de grupos da sociedade civil local comprometidos a consolidar a paz. O fortalecimento dessa capacidade local é fundamental para a manutenção da paz e pode adotar diversas formas, desde a educação, a formação e o fomento do espírito voluntário na sociedade, para o aumento do financiamento das iniciativas locais de consolidação da paz e a difusão mais ampla nos meios de comunicação social do trabalho dos pacificadores locais.

29. Fortalecer a Capacidade das Nações Unidas de Manutenção da Paz

As Nações Unidas (ONU) ainda constituem a maior esperança de alcançar a paz mundial mediante a cooperação multilateral. Hoje, mais do que nunca, o firme apoio da sociedade civil aos objetivos e propósitos das Nações Unidas é fundamental para que se realize seu pleno potencial como guardião da paz e da segurança internacional. Em particular, esse apoio deveria se processar em direção à reforma das Nações Unidas, conduzindo a sua maior democratização, e em direção ao fortalecimento de sua capacidade de prevenir os conflitos violentos, as violações massivas dos direitos humanos e o genocídio - por exemplo, mediante a criação de forças de paz permanentes das ONU, que seriam utilizadas em intervenções humanitárias, e a identificação de outras fontes de financiamento das operações de paz das Nações Unidas.

30. Priorizar Aviso e Resposta Tempestiva

Os recursos gastos pelos governos e órgãos intergovernamentais nos esforços para prevenir os conflitos violentos são insuficientes, especialmente quando comparados com os recursos gastos às atividades quando se torna necessário pelo início de um conflito violento - intervenção humanitária, socorro de emergência, operações de imposição da paz e a reconstrução geral das sociedades destruídas pela guerra. A sociedade civil deve tomar a iniciativa de demonstrar que a prevenção de conflitos é possível e preferível – em termos de vidas e sofrimentos humanos, e custo – que reagir a um conflito violento. Em particular, a prioridade deveria ser dada para: 1) a dedicação de mais recursos à prevenção de conflitos, 2) a criação e o desenvolvimento ulterior de redes de alerta tempestivo sobre os conflitos e, 3) a geração da vontade política necessária para dar uma resposta imediata aos alertas recebidos.

31. Promover a Capacitação de Profissionais Civis pela Paz

A demanda por civis para a consolidação da paz, seja de observadores das eleições, trabalhadores dos direitos humanos ou observadores em geral, tem aumentado rápido; porém, o mesmo não acontece com a disponibilidade de civis com essa formação especial. Existe uma necessidade forte de se continuar a promover a capacitação especializada de civis, mulheres e homens, nas técnicas de solução de conflitos, mediação, negociação, etc. e de promover seu desdobramento em zonas de conflito para dar seguimento às atividades de consolidação da paz. O objetivo em longo prazo deveria ser o desenvolvimento de um corpo internacional especializado de "profissionais civis da paz" aos que se possa recorrer para intervir, de forma imediata, em zonas de conflito.

32. Aperfeiçoar o Uso de Sanções

A imposição de sanções econômicas é uma das ferramentas mais bruscas da diplomacia internacional. As sanções têm a capacidade de desgarrar o tecido da sociedade contra a qual é aplicada, assim como de infligir terríveis penúrias aos membros inocentes da sociedade. O Secretário Geral Kofi A. Annan demandou que as sanções econômicas sejam "mais efetivas e menos danosas". Para atender a esta demanda deveríamos desenvolver maneiras de orientar melhor as sanções econômicas de modo que seus efeitos não possam se desviar dos dirigentes cujo comportamento se pretende modificar por um lado, e que não recaiam em civis inocentes, por outro. Em prol das crianças, as sanções não deveriam ser impostas sem exceções



humanitárias obrigatórias, imediatas e aplicáveis, combinadas com mecanismos de observação dos efeitos das sanções nas crianças e em outros grupos vulneráveis.

33. Fortalecer os Mecanismos de Intervenção Humanitária

Para evitar futuros atos de genocídio e violações graves dos direitos humanos, é necessário o desenvolvimento de mecanismos que possam permitir a intervenção humanitária proteger a vida das pessoas em perigo.

34. Dar uma Perspectiva de Gênero à Consolidação da Paz

Conflitos e guerras são eventos de gênero. Depois da reprodução, a guerra é, talvez, a arena onde a divisão do trabalho é mais evidente. Assim, as mulheres e os homens experimentam os conflitos e as guerras de forma diferente e não têm o mesmo acesso ao poder e à tomada de decisões. É necessário: 1) pôr em marcha iniciativas concretas para que se compreenda as inter-relações que envolvem a igualdade entre os gêneros e a consolidação da paz, 2) fortalecer a capacidade da mulher de participar em iniciativas de consolidação da paz e 3) participação igualitária das mulheres na solução de conflitos nos níveis de tomada de decisões. Para atender a estas necessidades, os governos devem se comprometer a incluir representantes das mulheres da sociedade civil em todas as negociações de paz; instituições de paz e de segurança devem incorporar perspectivas de gênero a suas atividades e métodos; e a sociedade civil deve construir e fortalecer redes de mulheres em prol da paz além das fronteiras.

35. Dar Poder à Juventude

As guerras sejam iniciadas por dirigentes irresponsáveis, mas são os jovens que são as vítimas mais vulneráveis, tanto os civis como os soldados. Sua experiência, a perspectiva fresca e as novas idéias devem ouvidas, integradas e postas em prática em todos os níveis da sociedade. Existem amplas evidências de que os jovens em situação de conflito são capazes de achar caminhos para superar os preconceitos tradicionais, para resolver com criatividade os conflitos e empreender processos frutíferos de reconciliação e de consolidação da paz. A oportunidade para que os jovens participem na consolidação da paz é essencial para romper o ciclo da violência, para reduzir e evitar os conflitos. Vamos todos compartilhar nossa visão, compreensão, solidariedade e vontade de aprender em um verdadeiro intercâmbio entre gerações baseado no respeito, confiança e responsabilidade mútuos.

36. Apoiar o Direito das Pessoas Sem Representação à Auto-determinação

Muitos dos conflitos violentos e persistentes de hoje em dia se desenvolvem entre Estados e pessoas sem representação e se caracterizam por um desequilíbrio extremo de poder. Como resultado, as pessoas sem representação não podem por si próprias travar negociações com os Estados para a solução pacífica dos conflitos. Conseqüentemente, esses conflitos tendem a prolongarem por décadas e resultam em grave sofrimento e aniquilação de sua cultura. Para se contrapor ao desequilíbrio de poder que motiva esses conflitos é necessário que a comunidade internacional, tanto no plano governamental como no não-governamental, apóie ativamente o direito dos povos à auto-determinação, priorizem a solução desses conflitos e promovam formas não-violentas de resolvê-los.

A negação do direito à auto-determinação causou numerosos conflitos prolongados, que na sua maioria ainda sem solução. É importante reconhecer que não é o direito à auto-determinação o que provoca o conflito, mas a sua negação. É, dessa forma, imperativo que o reconhecimento do direito à auto-determinação seja promovido ativamente como instrumento para a prevenção e solução de conflitos.

37. Fortalecer a Criação de Coalizões entre as Organizações da Sociedade Civil

A diversidade das atividades da sociedade civil no âmbito da prevenção, solução e transformação de conflitos é uma de suas principais vantagens. Não obstante, a eficácia das atividades da sociedade civil é com frequência obstaculizado pela falta de coordenação entre os grupos que atuam em áreas similares. Como resultado, com frequência são gastos os escassos recursos pela duplicação de tarefas e a falta de sinergia. Para aumentar a eficácia nesta área, é vital que se crie redes de promoção de coalizões e grupos de base entre as Organizações da Sociedade Civil.

38. Fortalecer a Capacidade Regional e Sub-regional para a Paz

Fortalecer a capacidade regional para a paz, por exemplo, na forma da Organização para a Segurança e a Cooperação na Europa (OSCE), a Organização da Unidade Africana (OUA), a Associação de Nações do



Sudeste da Ásia (ASEAN), a Organização dos Estados Americanos (OEA) etc., ajudaria a garantir que conflitos ignorados recebam atenção e, esforços na sua solução, que merecem.

39. Promover a Diplomacia por Diversas vias

No próximo século, devemos objetivar diplomacia de “diversas vias“ como forma habitual de prevenir, resolver e transformar os conflitos violentos. A diplomacia de diversas vias envolve a cooperação de distintos setores da sociedade - governos, organizações não-governamentais, grupos religiosos, mídia, empresas, cidadãos privados, etc. - na prevenção de conflitos e na consolidação da paz. Trata-se de uma concepção multidisciplinar da consolidação da paz que assume que os indivíduos e as organizações são mais eficazes trabalhando juntos que separados e, que as situações de conflito envolve uma ampla e complicada teia de partes e de fatores e requer um enfoque sistemático. Cada via do sistema aporta sua própria perspectiva, enfoque e recursos; todos os quais se deve recorrer no processo de consolidação da paz.

40. Utilizar a Mídia como Instrumento Pró-ativo para a Consolidação da Paz

Os meios de informação desempenham uma função vital e controvertida nas situações de conflitos violentos. Têm a capacidade de exacerbar ou de apaziguar as tensões e, ainda, de desempenhar um papel essencial na prevenção e na solução de conflitos violentos e na promoção da reconciliação. Aparte do seu papel tradicional de informar acerca dos conflitos, os meios de informação também podem ser utilizados para consolidar a paz de muitas formas. É preciso prestar especial atenção para: 1) a promoção de informes objetivos e não-provocativos de situações de conflito para que a mídia funcione como a causa da paz e não a da guerra e 2) seguir utilizando a mídia de formas criativas e inovadoras para consolidar a paz e promover a reconciliação.

41. Promover a Análise do Impacto das Políticas nos Conflitos

A sociedade civil deve encorajar as agências nacionais, bilaterais e internacionais e as instituições financeiras internacionais a incorporar dimensões de prevenção de conflitos, na formulação e aplicação de suas políticas, que incluam: 1) a avaliação dos efeitos das políticas econômicas e dos projetos de desenvolvimento propostos nos conflitos e, 2) a introdução de elementos de construção institucional e de elementos de fortalecimento dos recursos humanos de várias formas possíveis de solução de controvérsias e consolidação da paz –i.e., centros de mediação, capacitação em técnicas de negociação, educação para a solução de conflitos, fomento da tolerância e promoção da co-existência.



Recurso de Apoio 6: Diretrizes Vitória/Vitória
Oficina 7

Diretrizes Vitória/Vitória

Naomi Drew¹

1. Tome algum tempo para esfriar a cabeça. Descubra outras maneiras de mostrar que está zangado.
2. Cada pessoa expõe seus sentimentos e a forma como vê o problema, usando as MENSAGENS EU. Sem acusações, sem ofender e sem interromper.
3. Cada pessoa expõe o problema de forma como a outra pessoa vê.
4. Cada pessoa declara de que maneira ela própria é responsável pelo problema.
5. Faça uma sessão de tempestade de idéias para levantar as soluções possíveis e escolha aquela que satisfaça a ambas. – uma solução do tipo VITÓRIA / VITÓRIA.
6. Aponte qualidades do seu amigo/ parceiro.

O professor está conduzindo uma aula de Estudos Sociais, Marli e Selma estão cochichando. De repente, Selma rasga uma folha de papel e a joga em Marli.

Professor: O que está havendo, meninas?

Selma: Ela escreveu uma coisa horrível a meu respeito naquele papel.

Marli: Não era nada horrível. Eu só estava brincando.

Selma: Que brincadeira! Não foi nada engraçado e eu acho que você é um verme.

Os outros alunos começam a cochichar e perguntar: O que ela disse de você, Selma?

Selma: Calem a boca e me deixem em paz!

Professor: Selma, entendo que você esteja chateada. Então, gostaria de ajudá-la e à Marli a resolver este problema da maneira como estudamos, usando as normas do Vitória/Vitória.

Selma: Eu não quero resolver nada com ela. Eu a odeio.

Professor: Eu sei que você está zangada com a Marli, mas não vamos esquecer que vocês são amigas. Se quiserem, posso ajudar a resolver o problema. Assim vocês podem continuar amigas. Lembrem-se: a outra opção é ficar sem recreio amanhã. O que preferem?

Marli: Acho que prefiro o Vitória/Vitória.

Selma (fazendo pouco caso): Tudo bem.

Professor: Vocês acham que conseguem fazer agora ou precisam de um tempo para esfriar a cabeça? (As duas concordam em fazer imediatamente). Gostaria de deixar que todos aqui na classe tomassem parte no processo, para que todo mundo aprendesse como resolver as diferenças. Está bom para vocês duas?

Marli: Sim.

Selma: Contanto que ninguém faça gozação comigo.

Professor: Vocês concordam em não fazer nenhum comentário maldoso?

Classe: Sim.

Professor: Ótimo. Vamos começar. Mas, primeiro, quero lembrar uma outra coisa a vocês. Não cortem a palavra um do outro. Se isso acontecer, o processo pára. Vocês todos concordam? (Todos concordam.) Então, vamos começar expondo o problema. Deixem-me lembrar, ainda, que qualquer coisa que vocês digam deve fazer parte do compromisso de resolver o conflito. Tudo bem?

Marli e Selma: Tudo bem.

Professor: Cada uma vai contar o problema de forma como está vendo. Selma, você começa.

Selma: É como eu disse antes. Ela escreveu uma coisa horrível a meu respeito.

Marli: Foi porque ela disse que minha saia nova era feia.

Selma: E é feia.

¹ DREW, Naomi. *A paz também se aprende*. São Paulo: Ed. Tora Gaya Ltda. , 1990



Professor: Selma, vamos lembrar seu compromisso de resolver o problema. Se não for assim, não vamos perder tempo.

Selma: Desculpe.

Marli: Eu acho que o problema é que Selma fez pouco da minha roupa. Então eu respondi na mesma moeda.

Professor: Parece que vocês andaram trocando insultos.

Marli: Fiquei zangada mesmo.

Professor: E você, Selma?

Selma: Tive vontade de bater nela.

Professor: Acho que foi bom você não ter batido, porque a melhor maneira de se resolver os problemas não é com agressão. Selma, agora faça de conta que você é a Marli, só por um momento, e exponha o problema da maneira como ela está sentindo.

Selma: Certo. Marli se sentiu ofendida por aquilo que eu disse da saia dela. Acho que ela ficou envergonhada, também, porque eu disse aquilo na frente dos outros colegas.

Professor: Obrigado, Selma. Agora você, Marli. Você pode imaginar que é a Selma, por um momento, e falar do problema como se fosse ela?

Marli: Certo. Selma ficou zangada porque eu escrevi uma coisa desagradável, depois que ela fez a gozação com a minha roupa. Às vezes a Selma faz isso, quando eu não ligo para ela e fico conversando com a Daniela.

Professor: Selma, por que você acha que tem uma parte de responsabilidade no problema?

Selma: Eu caçoei da saia da Marli.

Professor: E você, Marli? Tem alguma responsabilidade também?

Marli: Eu escrevi uma coisa desagradável a respeito dela.

Professor: O que vocês duas podem fazer para não repetir esse tipo de confronto? Gostaria que vocês apresentassem algumas idéias e que a classe também fizesse sugestões. No final, vocês duas podem decidir qual a melhor solução.

Selma: Ela poderia parar de me xingar.

Marli: Selma poderia parar de desfazer das minhas roupas. Não é culpa minha se ela tem roupas melhores.

Aluno 1: Marli e Selma podem fazer compras juntas.

Aluno 2: Marli podia deixar a Selma ficar junto quando estiver com a Daniela. Assim ela não vai se sentir afastada.

Selma: Marli e eu podíamos ter mais respeito pelos nossos sentimentos e parar com os insultos.

Marli: Quando estiver zangada com a Selma, eu digo isso para ela, em vez de xingar.

Aluno: Vocês podiam escrever umas para a outra, explicando por que estão chateadas, em vez de ficar escrevendo insultos.

Professor: Parece que temos uma porção de boas idéias. Meninas, qual a solução que vocês gostariam de adotar?

Selma: Que tal se a gente tivesse mais respeito pelos sentimentos da outra?

Marli: Está bem. E a gente podia também contar uma para a outra por que está zangada, em vez de ficar insultando a outra.

Professor: Obrigado, meninas. Estou contente pela forma com vocês resolveram esse problema. Vocês poderiam fazer as pazes.

Selma: Marli, desculpa se eu fiquei muito brava.

Marli: Tudo bem. Você também me desculpa e eu fico contente porque nós continuamos amigas.